

O TRABALHO PSÍQUICO DA INTERSUBJETIVIDADE

Maria Inês Assumpção Fernandes¹
Instituto de Psicologia – USP

O presente trabalho procura refletir sobre o trabalho psíquico da intersubjetividade nos grupos. Trata-se de pensá-lo na relação com a ruptura de investimentos durante o processo de Transformação x Criação, em primeiro lugar. A partir desse ponto, discutiremos a relação entre Transformação, Trabalho e Dispositivo. Neste caso pensamos nas possibilidades de intervenção, refletindo sobre a intervenção individual e a intervenção grupal. A questão da Transmissão Psíquica entre gerações será focalizada, fundamentalmente, no que se refere aos tempos lógicos do recalque.

Descritores: Intersubjetividade. Psicologia social. Psicanálise. Grupo.

O ato de escrever ou se expressar por vezes nos coloca, ao menos, duas exigências: o domínio do tema - domínio intelectual - e a sensibilidade para desenvolvê-lo com prudência e ousadia, revelando, quem sabe, a singularidade da escritura ou do discurso. Como diria Green, às vezes, a escrita especulativa torna-se lírica, a reflexão torna-se um poema. Dirijo-me a todos, neste momento, na dimensão do possível, procurando as brechas que me permitam abrir um caminho para atingir, de forma tão breve, o centro da questão que me inquieta.

Início com a problemática da Psicologia Social e sua relação com a Psicanálise, sem qualquer pretensão com síntese. Antes devo dizer que defi-

1 Endereço eletrônico: marines@usp.br

nir a Psicologia Social não é tarefa simples e, quando possível, deve ser feita com cautela. Pensar sua relação com a Psicanálise é exigência ainda maior.

Referindo-se a Freud, Pichon-Rivière (1977) dizia que “Psicologia das Massas e Análise do Ego” é a obra que alcança uma visão integral da inter-relação Homem e Sociedade sem poder, contudo, desprender-se de uma concepção antropocêntrica que, segundo esse autor, o impediu desenvolver um enfoque dialético. Outros autores, como Mannoni, afirmam que se o fenômeno coletivo é uma novidade referente à mudança de comportamento ou de personalidade, como a ele se referem Allport e Freud, é porque, antes de tudo, deve estar havendo a emergência de traços ou de características que não tinham tido a oportunidade de se manifestarem.

P. Assoun pensa ser a Psicologia Social de Freud uma definição que pretenderia introduzir a mediação entre o saber do social (Sociológico) e o saber individual (Psicológico), onde o Grupo constituiria o nó, uma espécie de realidade intermediária.

R. Kaës, autor sobre o qual assentaremos a discussão sobre o trabalho psíquico da intersubjetividade, afirma que a obra “Psicologia das Massas e Análise do Ego” não é um ensaio de Psicologia Social. Segundo o professor Kaës, Freud cria conceitos no domínio da Psicologia Social, para assegurar uma abertura intersubjetiva dos aparelhos psíquicos em um lugar onde se poderia assegurar conjuntamente a estrutura do laço ou vínculo libidinal entre vários sujeitos, a função das Identificações e dos Ideais e a formação do Eu.

Freud teria encontrado um terreno favorável à construção de novos conceitos e estaria desenvolvendo textos de criação, no seio da Psicanálise.

Devemos lembrar que Freud em diferentes momentos e em diversas edições fez revisões nessa obra fundamental em Psicologia Social. A edição inglesa de 1922 e as edições alemãs de 1923 e 1925 foram revistas. Salientemos, também, que na França a obra foi traduzida de maneira diferente em três edições. Constam como sendo “Psychologie Collective et Analyse du Moi”, “Psychologie des Foules et Analyse du Moi” e “Psychologie des Masses et Analyse du Moi”. Poderemos melhor compreender estas questões

O Trabalho Psíquico da Intersubjetividade

se pensarmos que a palavra “masse” é utilizada por Freud, quando se refere à obra de Gustave Le Bon, “Psychologie des Foules”, traduzida para o alemão. A tradução de Rudolf Eissler utiliza “foule” por “masse”, conforme pesquisa encontrada em Ramos (1997). Essa questão remete à discussão sobre massa e grupo.

Conhecemos os autores sobre os quais Freud apóia essa obra. Em “Psicologia das Massas e Análise do Ego”, afirma: “na vida psíquica individual, está sempre integrado o outro, efetivamente, como modelo, objeto, auxiliar ou adversário e, sempre a Psicologia Individual é, ao mesmo tempo e desde o princípio, Psicologia Social ...” (Freud, 1921/1973, p. 2563).

Tomemos essas informações, acima colocadas, como pano de fundo de uma discussão que empreenderemos a partir de agora e que remete a problemas do campo da Psicologia Social como à aculturação, ao meio sócio-cultural, às aquisições sociais e sua ressonância sobre a esfera afetiva e de comportamento, à percepção, à memória e à opinião. Contudo, é o momento de ajustarmos o foco sobre a especificidade do tema.

Uma primeira questão que deveremos colocar em discussão diz respeito à explicitação da noção de “Trabalho”.

Um trabalho é uma transformação efetuada sob o efeito de modificações energéticas. As transformações psíquicas dizem respeito a formas, processos e sistemas de relação. O trabalho implica não somente um gasto de energia para a transformação mas, também, gastos de energia contra a transformação; o correlato do gasto de energia é uma defesa contra o trabalho, uma resistência a essa transformação. (Kaës, 1989)

Aparecem, então, mecanismos de homeostase visando a regular a constância de forma e o gasto inerentes ao processo de trabalho. Mas se o gasto é fundamental na transformação é porque ele indica que o trabalho psíquico é uma modificação que pode conduzir a uma ruptura nos investimentos. Podemos pensar, desta forma, que o “trabalho” é a via de acesso a uma possível criação.

Transformação e Criação podem ser consideradas um primeiro marco, importante, quando se considera a noção de trabalho.

Um segundo marco para se pensar o “trabalho” diz respeito às ferramentas que podemos utilizar para efetuar-lo. São as ferramentas psíquicas e as técnicas de trabalho. Por ferramenta, então, podemos entender, de início, o dispositivo de trabalho (o que se trabalha, como se trabalha e com quais técnicas). Falar de dispositivo coloca em destaque seu papel de comando no que diz respeito a uma série de problemas, de método, de teoria e de prática. Nós devemos ter em conta, com cautela, todas essas questões, para descobrir as relações entre as características do dispositivo e o processo psíquico que poderá ser identificado e tratado pelo mesmo.

A relação agora é pautada sobre a investigação dos processos psíquicos que estão em jogo, “cercados” pelo dispositivo, para que se possa pensá-los.

A hipótese que está em jogo, neste momento, refere-se à diferença entre o dispositivo e o trabalho psíquico da intersubjetividade. *Dispositivo, Trabalho e Transformação* se entrelaçam.

No “dispositivo grupal” alguma coisa é trabalhada especificamente pelo *grupo* - certas formações psíquicas e processos psíquicos se atualizariam de maneira privilegiada. Este seria objeto de um “trabalho” e de uma elaboração e transformação favorável, na medida em que retomaria o que a situação e o dispositivo tradicional (de cura) não permitiram elaborar.

Assim, o “trabalho psíquico da intersubjetividade” está sendo considerado, aqui, como o trabalho psíquico de um outro ou de mais de um outro na psique do Sujeito do Inconsciente. Esta proposição é corolário daquela na qual consideramos que a constituição psíquica intersubjetiva do Sujeito (que define o Sujeito como Sujeito do Grupo) impõe à psique certas exigências: ela imprime às formações e aos sistemas instâncias e processos do aparelho psíquico e, por consequência, ao inconsciente, conteúdos e modos específicos de funcionamento (Kaës, 1993).

Entendamos bem que o trabalho psíquico da intersubjetividade não supõe somente uma determinação extra-individual na formação e no funcio-

O Trabalho Psíquico da Intersubjetividade

namento de certos conteúdos do aparelho psíquico: ele diz respeito às condições nas quais o Sujeito do Inconsciente se constitui.

Essa hipótese fundamental admite que o sujeito na sua singularidade adquire, em graus diversos, as “aptidões” para significar e interpretar, receber, conter ou recusar, ligar e desligar, transformar e (se) representar, de “brincar” com ou destruir os objetos e as representações, as emoções e os pensamentos que pertencem a um outro sujeito, que transitam através de seu próprio aparelho psíquico e que se tornam, por incorporação ou introjeção, partes “encerradas” - “enquistadas”, ou integrantes e reutilizáveis.

Essa hipótese supõe que o indivíduo é representado e procura se fazer representar nas relações de objeto, nas imagens, nas identificações e nas fantasias inconscientes de um outro ou de um conjunto de outros; assim, cada sujeito liga entre ele próprio e os outros e se liga também nas formações psíquicas, de certa maneira, com os representantes de outros sujeitos que ele acolhe em si mesmo.

A idéia de um entrelaçamento psíquico intersubjetivo é correlata de outra que se refere a uma estrutura da psique na intersubjetividade, sendo o aparelho psíquico constituído de lugares e processos que contêm ou introjetam as formações psíquicas de mais de um outro num feixe de traços, marcas, vestígios, emblemas, signos e significantes, que o sujeito herda, recebe e deposita, transforma e transmite.

Essa idéia, que está atualmente sendo elaborada, sobre a especificidade das formações psíquicas que se manifestam quando o sujeito está em grupo, isto é, a idéia de uma formação intersubjetiva das formações psíquicas do aparelho psíquico, é apresentada muito tarde na psicanálise, pois tem a ver com o debate freudiano sobre a transmissão psíquica e o problema da herança filogenética. Encontramos o esboço de suas formulações em “Totem e Tabu” e em “Introdução ao Narcisismo”.

Coloca-se o problema da transmissão inconsciente de conteúdos e de processos psíquicos inconscientes de uma geração a outra. Esta transmissão seria efeito de uma dupla necessidade: a primeira descreve o efeito biológico destinado a assegurar a continuidade da vida psíquica de gerações sucessi-

vas; a segunda é propriamente psíquica e diz respeito ao fato que nenhuma geração teria a medida (mas qual medida) de dissimular os acontecimentos psíquicos significativos às gerações que a seguem.

Vários foram os trabalhos que investigaram e exploraram os efeitos do trabalho psíquico na intersubjetividade. Lacan, em 1938, com o estudo sobre a co-estruturação do sujeito e da família. As pesquisas de Abraham e Torok (1995) sobre a cripta, os trabalhos de Aulagnier através da função de porta-voz - fala (*porte-parole*), nos quais dialoga com M. Enriquez. Associam-se a estes os trabalhos de Winnicott e de Bion, sendo este último o único a pesquisar essas questões, além do dispositivo tradicional, por meio do dispositivo de grupo.

Os problemas que enfrentamos até agora disseram respeito à relação entre *Trabalho x Transformação x Criação*. Em seguida, vamos nos aproximar da questão da relação entre *Dispositivo x Trabalho*, e problematizar a questão do trabalho no que se refere ao *Dispositivo Tradicional* e ao *Dispositivo de Grupo*. Acrescentamos a força que se traduz, neste momento, pela questão do *trabalho da intersubjetividade*, no que se refere à *Transmissão Psíquica* entre gerações.

Não seria possível discutir tema tão denso sobre uma concepção intersubjetiva do sujeito do grupo e do agrupamento intersubjetivo, sem falarmos sobre a questão do *Recalcamento* (Recalque).

Os estudos de Freud sobre esta questão e sua relação com as investigações do Trabalho Psíquico da Intersubjetividade foram feitos através do que veio a se chamar os *três tempos lógicos do recalque*. Esses estudos se deram em 1915, com Schreber e se estabeleceram como:

1. tempo do recalque originário;
2. tempo do recalque *après-coup*;
3. tempo do retorno do recalque.

O Trabalho Psíquico da Intersubjetividade

Para o professor Kaës, a retomada desse conceito implicará a elaboração do que denomina uma nova metapsicologia. Afirma que a uma metapsicologia intra-subjetiva, deverá se sobrepor uma metapsicologia inter ou trans-subjetiva. Essa nova metapsicologia procura desenvolver uma noção politópica do inconsciente e exige a retomada do conceito de recalque no que se refere à sua constituição, fundamental para a vida psíquica.

Neste novo “plano” de investigação, discute-se que a função psíquica do recalque só se constitui, no nível da intra-subjetividade, se houver a construção de um pacto denegativo. Quero dizer, com a introdução deste complexo conceito, neste momento, que o trabalho psíquico da intersubjetividade requer a reformulação, o repensar, o duplo estatuto do sujeito, isto é, enquanto é ele próprio, um fim para si mesmo e enquanto é membro de uma “cadeia”, um conjunto de pessoas, que o antecedeu.

Essa exigência de pensar o sujeito psíquico como membro de uma cadeia já tinha sido discutida por Freud nos trabalhos acima citados. Contudo, sua investigação privilegiou a constituição do sujeito psíquico na sua singularidade. A construção do conceito de realidade psíquica, decorrente dessas primeiras formulações, nos primeiros tempos, vinha essencialmente ligada ao inconsciente individual e sua construção intrapsíquica.

Embora a sucessão de investigações, a partir de Freud, tenha retomado esse conceito de diversas maneiras, a partir dessa nova metapsicologia há a exigência de pensar a constituição do recalque como vinculado à sua consolidação pelo grupo, ou seja, pelos membros da cadeia que o antecedeu. A figura do Negativo, em Psicanálise, nos ajuda nessa reflexão. Explico melhor: para que o recalque se constitua deve haver “alguma renúncia”, inconsciente sem dúvida, por parte do sujeito na sua singularidade e por parte do conjunto que o recebe e o inscreve na rede de significados que produziu. O recalque só se dá na dimensão intra-psíquica, mas exige, para sua manutenção, que aquilo que foi retirado da “dimensão consciente” seja garantido pelo grupo. Temos aqui a figura do Negativo operando na constituição e manutenção do Recalque. Ela exige que algo seja mantido “fora” para benefício do *Sujeito* e para benefício do *Grupo*.

Maria Inês Assumpção Fernandes

Como decorrência dessa formulação temos a hipótese formulada por Kaës: a negatividade está na base da construção do vínculo, do laço social.

A exigência seguinte dirá respeito à construção do conceito de Realidade Psíquica do Grupo e, como correlato, pensar as questões da relação entre realidade psíquica e realidade histórica.

Reordena-se o *Espaço*, pela politopia do inconsciente, decorrente dessa nova metapsicologia.

Reordena-se o *Tempo*, através do recalque, da memória, da lembrança e do esquecimento.

O trabalho Psíquico da Inter-subjetividade assim o exige.

Fernandes, M. I. A. (2003). The psychic work of intersubjectivity. *Psicologia USP*, 14(3), 47-55.

Abstract: This paper aims at pondering on the subject of the psychic work of intersubjectivity in groups. That means, first of all, thinking it in its relation to the rupture of investments in the course of the Transformation vs. Creation process. From that point on, the relation between Transformation, Work and Device will be discussed. In view of this, the possibilities of intervention are considered taking into account the individual and the group modalities of intervention. The issue of Psychic Transmission among generations will be focused fundamentally in what concerns to the logical times of repression.

Index terms: Intersubjectivity. Social psychology. Psychoanalysis. Group.

Fernandes, M. I. A. (2003). Le travail psychique dans l'inter subjectivité. *Psicologia USP*, 14(3), 47-55.

Résumé: Ce travail cherche à réfléchir sur la thématique du travail psychique de l'inter subjectivité dans les groupes. En premier lieu, il s'agit d'y penser dans la relation avec la rupture d'investissement pendant le

O Trabalho Psíquico da Intersubjetividade

processus de transformation x création. À partir de là, on discutera sur la relation entre transformation, travail et dispositif. Dans ce cas on pense aux possibilités d'intervention, en réfléchissant sur l'intervention individuelle et l'intervention du groupe. On se concentrera sur la question de la transmission psychique entre générations, principalement en ce qui concerne les époques logiques du refoulement.

Mots-clés: Inter subjectivité. Psychologie sociale. Psychanalyse. Groupe.

Referências

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo* (M. J. R. F. Coracini, trad.). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1967). Introducción al narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (Lopez-Ballesteros & De Torres, trad., Vol. 1, pp. 1083-1096). Madrid, España: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1968). Totem y tabu. In S. Freud, *Obras completas* (L. Lopez-Ballesteros y De Torres, trad., Vol. 2, pp. 511-599). Madrid, España: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1973). Psicología de las masas y análisis del yo. In S. Freud, *Obras completas* (3a ed., L. Lopez-Ballesteros y De Torres, trad., Vol. 3, pp. 2563-2610). Madrid, España: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1921)
- Kaës, R. (1989). *Le travail psychanalytique dans les groupes*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (1993). *Le groupe et le sujet du groupe*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (1994). *La parole et le lien*. Paris: Dunod.
- Lacan, J. (1987). *A família*. Lisboa, Portugal: Assirio e Alvim. (Trabalho original publicado em 1938)
- Pichon-Rivière, E. (1977). *El proceso grupal*. Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión.
- Ramos, G. A. (1997). *Le social dans la construction freudienne de la psychanalyse*. Paris: L'Harmattan.

Recebido em 12.03.2004

Aceito em 15.04.2004